



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*O Presidente*

**INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,  
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA  
COLÓQUIO “O FUTURO DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA  
200 ANOS DO SINÉDRIO”**

**BIBLIOTECA ALMEIDA GARRETT, PORTO – 22 JANEIRO 2018**

As Comemorações Parlamentares do Bicentenário do Constitucionalismo Português chegam hoje ao Porto, terra de tradições liberais, onde tudo começou.

As raízes do moderno constitucionalismo português estão na Revolução Liberal de 1820 e na Constituição de 1822.

Na recusa do absolutismo, o novo Regime Liberal inicia um período de desenvolvimento de direitos cívicos e liberdades políticas, continuado pela I República, ainda que de forma insuficiente e contraditória, mas claramente interrompido a partir de 1926 e só retomado, de forma democrática, a 25 de abril de 1974.

Agora que estamos a caminho dos duzentos anos da revolução liberal e do constitucionalismo português, a Assembleia da República não podia ficar indiferente à efeméride.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*O Presidente*

Estamos assim a contribuir para a divulgação pública da atualidade dos ideais liberais, republicanos e democráticos.

A liberdade em que vivemos hoje tem antecedentes históricos; tem memórias e símbolos, que merecem ser celebrados com sentido de futuro.

Um desses antecedentes históricos é sem dúvida o Sinédrio, criado há precisamente duzentos anos, no dia 22 de janeiro de 1818.

O objetivo de preparar a revolução liberal que haveria de chegar dois anos depois.

A ambição era implantar em Portugal um regime constitucional e representativo.

Entre os membros fundadores do Sinédrio estão figuras como Fernandes Tomás, Ferreira Borges, Silva Carvalho e Ferreira Viana.

A melhor forma de homenagearmos o seu exemplo e a sua visão é olharmos hoje para o futuro do regime constitucional e representativo democrático.

É pois de olhos postos no futuro que a Assembleia da República, em colaboração com a Câmara Municipal do Porto, promove hoje este Colóquio sobre a representação política democrática.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*O Presidente*

Sobre o tema que hoje nos junta, vão-nos falar o Dr. Artur Santos Silva, antigo Presidente das Comemorações do Centenário da República, e dois painéis de especialistas e parlamentares.

Não vos quero tomar muito tempo. Mas sempre vos quero dizer que encontro no mundo atual sinais preocupantes que não podem deixar de inquietar os verdadeiros democratas.

Portugal não tem felizmente uma extrema-direita com representação parlamentar.

Temos desafios internos, certamente. Temos sinais de cansaço institucional que importa atacar. Mas julgo que no essencial vivemos confiantes a nossa opção democrática, europeia e cosmopolita.

Não vivemos, contudo, numa ilha, isolados do mundo. Vivemos num mundo global e numa Europa onde os extremismos populistas estão a atingir intenções de voto que já não víamos desde os anos 30 de má memória.

As democracias não sobrevivem sem lealdade entre adversários e sem diálogo quanto às regras do jogo e quanto às opções estratégicas das comunidades.

Se há lição que podemos retirar da história, é que nunca devemos dar a democracia por adquirida.

Temos de defendê-la e de aperfeiçoá-la.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*O Presidente*

Não há democracia sem alguma forma de capitalismo, mas pelo contrário, há muitos exemplos de capitalismo sem democracia. Cada vez mais exemplos, infelizmente.

A retração social dos Estados, a resposta da política de austeridade, a abertura global dos mercados, são dinâmicas que até podem obedecer a lógicas de racionalidade económica mas que estão a ter consequências sociais e políticas nefastas.

As instituições internacionais, criadas para regular o capitalismo, parecem hoje dominadas pela lógica do laissez-faire, laissez-passer.

As desigualdades sociais, a desesperança das classes médias, o medo do futuro e do desconhecido, estão a promover dinâmicas antidemocráticas e antieuropeias, que já chegaram ao próprio interior da União Europeia – um espaço que nasceu como espaço de democracia e liberdade.

O cinismo e o sentimento de distância face ao poder ganham terreno.

É tempo de a Europa se reinventar.

É tempo das democracias se adaptarem aos novos tempos e estarem à altura das expectativas dos cidadãos.

Os diagnósticos são sempre mais fáceis do que as soluções. Bem sei.



## ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

### *O Presidente*

Tenho, como imaginam, as minhas preferências institucionais e políticas.

Na Assembleia da República estamos atentos aos sinais dos tempos e às novas exigências éticas e cidadãs.

Daí o projeto do Parlamento Digital, que vai aproximar os portugueses da Assembleia da República, que vai tornar a presença do parlamento mais acessível na internet e mais expedita nos seus procedimentos, facilitando a comunicação e a iniciativa com os cidadãos.

Daí as propostas que a Comissão Eventual para o Reforço da Transparência em Funções Públicas vai lançar para a discussão pública.

Daí o centro interpretativo do Parlamento, que vai nascer no contexto destas comemorações.

Como tenho dito, a transparência, a publicidade, a divulgação dos processos legislativos não são aliados do populismo; pelo contrário, são um bom antídoto contra o populismo antiparlamentar, pois permitem aos cidadãos verem com os próprios olhos a democracia e os seus representantes a funcionar.

Mas hoje, além dos partidos políticos representados na Assembleia da República, queremos também ouvir o que a sociedade civil portuguesa tem para nos dizer acerca das respostas a estes sérios desafios com que as democracias representativas estão confrontadas.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

*O Presidente*

A todos, agradeço a presença e a resposta positiva que fizeram ao nosso convite.

Permitam-me um agradecimento especial ao Dr. Artur Santos Silva, que muito nos honra com a sua participação.

Muito obrigado.

Eduardo Ferro Rodrigues